

Brasil paga, mas quer proposta melhor

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

O Brasil está disposto a pagar aos banqueiros privados os juros referentes à segunda quinzena de janeiro, e também a saldar o débito de fevereiro e até o de março, antes mesmo que a renegociação da dívida externa - que se desenrola em Nova York - chegue ao seu final. Tudo vai depender, segundo o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, dos próprios credores: o País efetuará os pagamentos à medida que fosse obtendo algumas de suas reivindicações.

Numa longa conversa com os correspondentes brasileiros em Washington, na noite de segunda-feira, Nóbrega reafirmou que espera chegar a um acordo de médio prazo com os bancos - ou seja, o refinanciamento dos juros de 1987 e 1988 - no mês que vem. O que ele tem a oferecer aos banqueiros, segundo disse, é uma demonstração de boa vontade. O Brasil desembolsaria o equivalente aos juros devidos nos primeiros meses deste ano.

- Poderemos pagar o que falta de janeiro, pagar os juros de fevereiro e até os de março à medida que as negociações forem avançando. Mas, isso, desde que nossas reivindicações comecem a ser aceitas durante essa negociação - afirmou o Ministro.

Segundo ele, ao decidir fazer um primeiro pagamento (de US\$ 350 milhões) este mês, referente aos juros da primeira quinzena de janeiro, o Governo brasileiro deu início à uma "cuidadosa estratégia":



Mailson foi recebido em Washington pelo Embaixador Marcilio Moreira

- Não nos interessava negociar para chegar a um novo acordo interino. Nosso objetivo era, e continua sendo, o de fazer um acerto a médio prazo, para acabar com as incertezas. Por isso gastamos aquele dinheiro apostando num acordo definitivo, e não no interino. Haviām pressões de todo lado, dos banqueiros, do Departamento do Tesouro, e decidimos pagar mas com garantias de que caminhassemos para um acordo de médio prazo. A estratégia até agora está produzindo frutos - afirmou Mailson da Nóbrega.

Ele disse ainda que apesar de estar otimista não endossa a expectativa criada pelos próprios banqueiros pri-

vados. Eles afirmam que o Brasil poderia obter mais recursos das instituições financeiras oficiais, mas não existe nenhuma indicação concreta disso:

- Os bancos tendem a ser otimistas no sentido de que o Brasil pode obter recursos expressivos dessas instituições, mas nós somos prudentes - disse o Ministro. - Quem me garante que conseguiremos um bom dinheiro do Clube de Paris, do FMI, do Banco Mundial? Se o Brasil partir dessa visão otimista dos bancos e houver um engasgo nas negociações, o resultado é que seríamos obrigados a decretar novamente uma moratória.